



Analysis of Speech: The analysis of speech featured in the Veja São Paulo magazine's front page on January, 27th of 2021.

Análise do Discurso: Uma análise do discurso presente na capa da revista Veja São Paulo de 27 de Janeiro de 2021.

FONSECA, Erisson Jordan Ferreira⁽¹⁾; SILVA, Jaqueline Maria da ⁽²⁾ ; OLIVEIRA, Almir Almeida de⁽³⁾

⁽¹⁾ 0000-0003-2294-2122; Graduando do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: erisson.fonseca@gmail.com.

⁽²⁾ 0000-0003-2712-2027; Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: jaquehsilva09@gmail.com.

⁽³⁾ 0000-0002-3682-5480. Professor Adjunto da Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Email: almir.oliveira@uneal.edu.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the discourse presented on the Cover of *Veja São Paulo Magazine* of Edition 2722, of January 27, 2021. In this edition, the magazine brought as its central theme, the new Northeastern migrants. This cover was published in an allusion to the anniversary of the city of São Paulo, to show the influence of the new Northeastern migrants in the daily life of São Paulo. The research is part of the French Discourse Analysis (ADF) line, based on the ideas of Pêcheux (1995) and Florêncio (2009). Thus, we analyze the elements that relate to this current, in the chosen corpus, such as: the broad and restricted production conditions, the interdiscourse and the intradiscourse, the said, the unsaid, the silenced, the discursive formation and the ideological formation. The results show that *Revista Veja São Paulo* is the result of an ideological formation and an elitist discursive formation, of segregation, and of strong xenophobic appeal, since the speeches demonstrate the disregard for geopolitics and northeastern culture, especially, with the least favored layer economically.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso apresentado na Capa da *Revista Veja São Paulo* da Edição 2722, de 27 de janeiro de 2021. Nessa edição, a revista trouxe como tema central, os novos migrantes nordestinos. Essa capa foi divulgada em alusão ao aniversário da capital paulista, para mostrar a influência dos novos migrantes nordestinos no cotidiano paulistano. A pesquisa está inserida na linha da Análise do Discurso Francesa (ADF), fundamentada nas ideias de Pêcheux (1995) e Florêncio (2009). Dessa forma, analisamos os elementos que dizem respeito a essa corrente, no *corpus* escolhido, tais como: as condições de produção amplas e restritas, o interdiscurso e o intradiscorso, o dito, o não-dito, o silenciado, a formação discursiva e a formação ideológica. Os resultados demonstram que a *Revista Veja São Paulo* é procedente de uma formação ideológica e de uma formação discursiva elitista, de segregação, e de forte apelo xenofóbico, uma vez que os discursos demonstram a desconsideração para com a geopolítica e a cultura nordestina, sobretudo, com a camada menos favorecida economicamente.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 24/11/2021

Aprovado: 29/07/2022

Publicação: 10/01/2023



Keywords:

Analysis of speech, *Veja Magazine*, Northeast, speech.

Palavras-Chave:

Análise do discurso, *Revista Veja*, Nordeste, discurso.

Introdução

A análise do discurso¹ enxerga que não há uma neutralidade no uso da linguagem, portanto, o discurso como prática social é um dos principais mecanismos para influenciar, mover e/ou disseminar ideias para um grupo ou indivíduo, pois nele é manifestada uma ideologia e um contexto sócio- histórico.

Neste trabalho tentar-se-á analisar um discurso presente na capa Revista Veja São Paulo, na Edição 2722, de 27 de janeiro de 2021, em que será utilizado o modelo da Análise do Discurso Francesa (ADF). A capa da Veja foi escolhida como objeto de estudo por se tratar de uma das revistas de maior circulação nacional.

Partindo do modelo da ADF, realizamos a análise do *corpus* por meio da identificação e interpretação dos elementos adotados pela teoria, como: as condições de produções amplas e restritas, o interdiscurso, intradiscurso, o dito, o não-dito, o silenciado, a formação discursiva, a formação ideológica, além das concepções de sujeito e ideologia que norteiam as pesquisas dessa esfera.

O trabalho está dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos, expondo, primeiramente, a importância da historicidade da Análise do Discurso (AD), partindo, em seguida, para a abordagem dos conceitos de discurso, ideologia e da sua atuação sobre/pela língua. Na segunda, realizamos a análise e discussão dos dados, apresentando o objeto da pesquisa, de acordo com a manifestação de cada elemento da AD, depreendido no referido discurso.

Pressupostos Teóricos e Metodológicos

A análise do discurso é utilizada dentro do uso amplo e geral da linguagem, ela surge de uma proposta de Michel Pêcheux (1995), em que, se baseando nos estudos de Canguilhem e Althusser, propõem uma abordagem diferente do pensamento que vigorava sobre a Ciência da Linguagem, desviando-se das concepções adotadas na época, pois o destaque estava centrado no estruturalismo e na gramática gerativa transformacional, de Chomsky.

Com essa proposta a linguagem, Pêcheux sai de uma formalidade, que era apresentada na análise gramatical, na qual havia uma exclusão da exterioridade, focando no texto e desconsiderando o seu contexto social. Conforme Brasil (2011, p.172), “o objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma”.

Segundo a teoria pecheutiana do discurso, não há uma neutralidade no uso da linguagem, pois ela considera as diferentes formas significativas, além de uma noção de sujeito, que está ligado a uma ideologia, dentro de um contexto cultural e social. Entretanto, isso não

¹ Neste caso a Análise do Discurso Francesa (ADF)

quer dizer que a teoria exclui os objetos simbólicos, o sistema linguístico e a gramática, esses continuam com suas relevâncias, tendo uma relação com os fundamentos teóricos da AD.

O Discurso

O discurso como um dos aspectos materiais da ideologia mostra-se como uma atividade de significação, correlacionando o sujeito e o sentido na língua por meio da história, prevalecendo um efeito de sentidos entre os locutores. Nesse processo de interlocução, faz-se presente a existência de sujeitos que se constituem, já que o discurso não pode ser concebido fora do sujeito e nem este, fora da ideologia.

Os sujeitos e os sentidos são, inevitavelmente, afetados pela história do funcionamento da língua. Orlandi (2012, p. 83-84) destaca que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. Por manter uma multiplicidade de relações interdiscursivas, na prática de interpretações de um enunciado, é necessário que o relacione a outros, visto que seu sentido só é adquirido se estiver inserido em um universo de outros discursos.

Assim, “o discurso constitui-se de uma prática, não apenas de representação do mundo, mas, sobretudo, de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Brasil, 2011, p.175). É nessa relação interdiscursiva que o discurso ganha forma e se ampara, dando uma significação ao mundo do locutor e do interlocutor, numa troca de percepções. Contudo, é necessário salientar que o discurso não se confunde com a língua e nem com a fala, conforme aponta Florêncio:

O discurso não se confunde com a língua, nem com a fala, nem com o texto; não é a mesma coisa que transmissão de informações, tampouco surge do psiquismo individual de um falante. É o acontecimento que articula a atualidade a uma rede de memória. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas (FLORÊNCIO, 2009, p. 24).

Diante do exposto, podemos observar que mesmo a língua sendo a materialidade do discurso e a palavra em movimento, existe diferenças entre a língua e a fala, isto é, não é predominante, somente, o intuito de transmissão de informações, em que um indivíduo fala e o outro decodifica a mensagem, mas a implicação de uma exterioridade linguística.

A Ideologia

De acordo com Pêcheux (1995), todo sujeito carrega uma ou mais ideologias, pois ao se comunicar e se expressar, ele estará manifestando as suas crenças de mundo, pautadas nas concepções dos grupos sociais, políticos, culturais e econômicos que constituem a sua identidade, com valor de pertencimento. Nesse sentido, mesmo que em algumas situações interativas, tente escondê-las ou policiá-las, o sujeito reflete-as inconscientemente.

As palavras, expressões, proposições [...] mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p.160).

Como apresentado, a fala de alguém pode atingir uma proporção distante da pretendida se for analisada por meio de uma perspectiva ideológica diferente da adotada pelo sujeito que a proferiu. O dizer ganha seu contexto dentro das referências ideológicas de quem o profere, do contexto social e com a influência de diversos outros aspectos que atravessam a língua.

Até o momento, nos reportamos à relação existente entre língua, sujeito e ideologia, no entanto, é preciso enfatizar qual o conceito de ideologia que a AD de linha francesa adota. Etimologicamente, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o significado da palavra seria o estudo das ideias, visto que “logia” deriva do termo grego “logos”, que pode ser traduzido como tratado, estudo ou teoria, e o termo “ideo” também vem do grego “idéa”, que significa aparência, maneira de ser ou estilo, algo semelhante ao que Destutt de Tracy, filósofo francês, pensou, quando deu forma ao termo.

A ideologia foi pensada por Tracy como uma ciência que discutiria e estudaria a formação e as construções da ideia. Por outro lado, na concepção de Marx, a ideologia é vista como o “equivalente de ilusão, falsa consciência, concepção idealista, na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real” (LÖWY, 2003, p.11).

Posteriormente ao marxismo, por forte influência das obras de Lênin, a ideologia passa a ser vista como “qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais particulares”. Louis Althusser, autor que Pêcheux fez a extração de conteúdos fundamentais para sua teoria do discurso, considera a ideologia “como o imaginário que intermedeia a relação das pessoas com suas condições de existência” (SILVA, 2009, p.159).

Com isso, é depreendido que existe uma similaridade entre os diversos conceitos de ideologia, em que se pode compreendê-la como um motor do pensar, que move algo ou alguém. Em Pêcheux não é diferente, ela é vista como conjunto de princípios e ideias, que um sujeito adquire e expressa em seu discurso. Orlandi (SOUSA, 2011, p.78) considera que “a ideologia não é, pois, ocultação, mas função da relação necessária entre a linguagem e o mundo”.

A Língua

A língua funciona como pressuposto para a análise da materialidade do discurso, ou seja, a língua dá as bases para que se consiga analisar a matéria do discurso. Ela seria a linguagem menos a fala, logo, segundo Souza (2011), se é retirada a fala da linguagem temos a língua, “é, ao mesmo tempo, uma instituição social e um sistema de valores”.

Para a AD, quando se trata de língua, concebe de uma maneira diferente da linguística, como salienta Peres (2014) que destaca que a AD tem uma preocupação “com o

estabelecimento dos efeitos de sentido, ou seja, entende a língua como processo”, enquanto a linguística tem uma noção da língua como produto. Em sua abordagem, a língua se apresenta de forma relativamente autônoma, sendo submetida a processos discursivos diferenciados, é nela que se constitui a possibilidade do discurso que, por conseguinte, compreende-se como incompleta e heterogênea, pois é afetada pela história, se tornando propícia aos múltiplos sentidos e a ambiguidade. Além de proporcionar uma ponte para as possibilidades entre sujeitos, situada como um conjunto de sistemas que permitem combinações e substituições.

Análise e Discussão de Dados

Capa da Revista

O objeto a ser analisado, neste trabalho, é a Capa da Revista Veja São Paulo da Edição 2722, que foi divulgada em 22 de janeiro de 2021, publicada e entregue aos seus assinantes no dia 27 de Janeiro de 2021. A revista traz uma capa alusiva à comemoração do aniversário da cidade de São Paulo, em 24 de Janeiro, homenageando o Nordeste, com um título polêmico.

Figura 1.

Capa da Revista Veja São Paulo da Edição 2722



Nota: Revista Veja, 2021.

Condições de Produção Restritas

As condições restritas de produção da materialidade mantêm-se conectadas com o aqui e o agora, estão correlacionadas ao conjunto de contextos sociais que possibilitam a realização do discurso, que “se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima” (Pêcheux, 1995, p.77). A matéria da revista Veja São Paulo, edição 2722, de 27 de janeiro de 2021, vem acompanhada de uma reflexão para a prática de leitura da mídia, evidenciando uma homenagem aos nordestinos que fazem parte da construção cultural da capital paulista, em especial, os novos migrantes.

Condições de Produção Amplas

As condições amplas são aquelas que inserem todo o contexto, que interpela o sócio-histórico ideologicamente, atuando como um processo de desenvolvimento de constituição de

sentidos, transportando a memória da formação social em que o sujeito se mostra inserido. Dessa forma, os valores ideológicos estabelecem o imaginário que caracteriza o lugar em que o sujeito do discurso se atribui mutuamente, “a relação necessária entre um discurso e seu lugar em um mecanismo institucional extralingüístico” (Pêcheux, 1995, p.77).

Tendo como materialidade dessa produção a origem de Revista Veja, em 1968, pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, o principal objetivo da revista era trazer aos seus leitores temas variados sobre o Brasil e o mundo. O modelo da Veja foi inspirado na revista americana Times.

No início, a revista Veja tinha uma visão de centro-esquerda, influência da época de sua fundação, em pleno Regime Militar e com algumas políticas de censura às mídias, porém, a partir de 1990, a revista inicia um processo de mudança editorial, partindo para um campo ideológico diferente do início de sua circulação. A mudança não foi radical, mas aos poucos, foi do centro-esquerda para uma visão mais tradicional, voltada para o liberalismo econômico e para políticas de centro-direita.

No início do século XXI, essa guinada para o centro-direita foi se consolidando, com reportagens e artigos que mostravam o novo campo ideológico da revista. É nesse contexto de mudança, que surge a Revista Veja São Paulo, uma edição local distribuída na cidade de São Paulo. Foi fundada em 1985, por idealização de Roberto Civita, com a ideia de cobrir questões relevantes da capital paulista e do contexto urbano, além de roteiros de lazer e gastronomia.

A Veja São Paulo tem redação própria, assim sendo, tem um editorial diferente da Revista Veja, o que dá liberdade para seus editores e jornalistas escreverem com a guinada mais regional, voltado para a capital paulista. Essa revista é distribuída semanalmente, de forma gratuita, para os assinantes paulistanos, acompanhando a edição nacional da revista.

A revista também conhecida como “Vejinha” tem um público específico, que são os assinantes da Revista Veja na capital paulista, assim, os temas são mais regionais, mostrando aspectos da cidade, do seu cotidiano e da sua população. Esse público, em sua maioria, é formado por pessoas de classe média/alta, visto que o valor da Revista Veja, a qual a Vejinha acompanha, como produto extra, é em torno de R\$9,99, por periódico, enquanto a assinatura da versão impressa anual sai por 9x R\$ 52,22, segundo dados do Grupo Abril², se configurando em um valor alto para os padrões brasileiros.

O Dito

O dito se apresenta como a materialidade discursiva, ou seja, as palavras formulam o discurso buscando produzir efeitos de sentido no sujeito, enunciando um determinado contexto, “o real se aproxima do impossível, considerando que aqui fica implícita uma visão de

² Dados retirados do site <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/> acessado em 29/04/2021 às 20h

um real estático, imóvel, fixo, o que impossibilitaria de entendê-lo de forma não óbvia” (Cunha, 2016, p. 06). Nesse contexto, na Edição 2722, da Revista Veja São Paulo, se vê como Dito, os seguintes discursos:

- Especial Aniversário da cidade;
- A Capital do Nordeste;
- Os novos migrantes que reinventam o design, a gastronomia, os startups e outras atividades da metrópole, que completa 467 anos;
- Como a mão de obra dos nordestinos tem colaborado para o desenvolvimento da Região Sudeste.

Os três primeiros trechos estão presentes, de forma explícita, por meio dos textos da capa. O quarto, “como a mão de obra dos nordestinos tem colaborado para o desenvolvimento da região Sudeste”, é dito de uma forma não explícita, mas está presente no enunciado da capa da revista.

Interdiscurso

Diante da incompletude presente nos discursos, visto que o sentido de um texto nunca está declarado por completo, o sujeito age de forma aprofundada, em que se faz necessário adentrar na exterioridade, na história com destino a escrevê-la e, de certa forma, proporcionar uma continuidade ao discurso.

O interdiscurso se apresenta como um fornecedor de materiais para essa formação discursiva, que se constitui de formulações que foram feitas e esquecidas, determinando o que dizemos, como um conjunto de ideias organizadas por meio de um texto que se apropria, implícita ou explicitamente de outras figuras anteriores, conseqüentemente marcadas pelo já-dito, pelo enunciado, ao exterior da língua e do sujeito, mas que se encontra presente na memória discursiva. Como Barbosa (2008) apresenta “o interdiscurso é lingüisticamente irrepresentável, pois é constituído de já-ditos esquecidos, mas constitutivo de todo discurso” (p. 20).

No interdiscurso da edição analisada, é possível notar um resgate histórico pela memória afetiva e, muitas vezes, caricaturada, do nordeste, como a apresentação da vegetação, ao qual faz parte do cenário, que são plantas típicas da caatinga³, cactos que lembram esse bioma, recordando o clima seco e semiárido do sertão nordestino, que é usado como símbolo

³ Caatinga é a vegetação que predomina no Nordeste do Brasil e está inserida no contexto do clima semiárido. Os índios, primeiros habitantes da região, a chamavam assim porque na estação seca, a maioria das plantas perde as folhas, prevalecendo na paisagem a aparência clara e esbranquiçada dos troncos das árvores. Daí o nome Caatinga (caa: mata e tinga: branca) que significa “mata ou floresta branca”, no tupi. Porém, no período chuvoso a paisagem muda de esbranquiçada para variados tons de verde.

de uma caricatura criada para descrever a Região Nordeste, como se toda a região fosse homogênea e o nordeste se resumisse ao sertão.

O cenário rústico, com cores fechadas e pedras, alude para essa imagem do Nordeste que vive uma seca. Os móveis e o piso de madeira, lembrando móveis de jaqueira e pinho, trazem a visão de que o nordestino é rústico e que é refinado, podendo se adaptar aos diversos ambientes, dando seu toque regional.

Intradiscurso

Nesse elemento da AD, é preciso retomar a ideologia, pois é um conceito fundamental para a sua construção, uma vez que o intradiscurso é considerado como um espaço para que o pensamento crítico possa agir, além de explicar constrangimentos sociais e políticos que atuam na estruturação da subjetividade, é por ele que se pode explorar a coerência argumentativa do discurso, na qual se observa em que pontos o discurso se confirma em suas diversas formas de dizer, no intradiscurso “há uma seqüência discursiva que existe como discurso concreto no interior das relações de um sistema de formação” (Barbosa, 2008, p.30).

Como intradiscurso presente no objeto analisado, é possível identificar o vocabulário usado na produção textual, para salientar o discurso, com a apresentação de dados implícitos no título, que depois é salientado no texto: “A nova força nordestina: os migrantes do século 21 que transformam São Paulo”, que está presente na Edição 2722.

Não-dito

O não-dito está ligado a recursos que não estão implícitos no discurso, como apresenta Silva (2008, p.43), “diz respeito às diversas facetas da linguagem; perpassa e ultrapassa todo o dito”. Assim, o não-dito tem uma amplitude maior que o dito, pois faz parte do discurso que não é a palavra, entretanto, ele só pode ser apreendido através do que é dito. Com base em Lins:

O não dito é uma técnica de “dizer alguma coisa sem, contudo, aceitar a responsabilidade de tê-la dito” isso através de uma diversidade de recursos tais como implícitos, de negações, discursos oblíquos, figuras de linguagem, trocadilhos, chistes, frases feitas, provérbios, piadas e injúria (LINS, 2013, p. 4).

Logo, o não-dito é determinado pelas formações discursivas, como norteia Silva (2008), que “são inscritas numa formação ideológica e determinam o que pode ou deve ser dito”, a partir de uma posição, numa dada conjuntura. Nesta perspectiva, entende-se que os sentidos podem ser lidos em um determinado texto e mesmo não estando ali, é de suma importância que se considere tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, o seu significado.

No objeto analisado podemos apreender como não-dito:

- Se São Paulo é a capital do Nordeste, logo as 9 capitais nordestinas não são capazes de ocupar esse papel;
- Se os migrantes foi que reinventaram as atividades da capital paulista, logo, sem os nordestinos não haveria uma reinvenção das atividades da metrópole.

O primeiro não dito se trata de uma questão geopolítica, mesmo a frase, “a capital do Nordeste”, não se referindo à questão geográfica, existe um conflito de interesse e uma questão econômica. O Nordeste é colocado como uma região periférica, à margem de suas particularidades e grandezas. No segundo, os nordestinos que migram para o sudeste do país em busca de oportunidades são colocados como motivo de uma reinvenção das atividades da capital paulista, deixando a dúvida se sem a ajuda dos migrantes, especialmente, os nordestinos, os paulistanos conseguiram se reinventar.

Formação Discursiva

Esta formação possui como centro o interdiscurso, em que norteia o funcionamento da ideologia. O intradiscurso estabelece o que determina o discurso do sujeito e o processo discursivo se reescreve no próprio sujeito, possibilitando a noção de sentidos dentro de uma FD. É através do interdiscurso que se formam os objetos que o sujeito falante se apropria na construção de seus enunciados, determinada por aquilo que o sujeito pode e deve dizer, “aquilo que determina o que pode/deve ser dito a partir de um dado lugar social que o sujeito ocupa” (Melo, 2009, p.7).

A formação discursiva da capa da Revista reforça as críticas nas redes sociais feitas pelos perfis das capitais nordestinas ao título da edição, na sátira da capa da revista, o comentário do editor chefe da revista e algumas outras reportagens de outros periódicos.

Figura 2.

Reportagem do Correio Braziliense, postada em 22/01/2021 18:54/atualizado em 22/01/2021 19:04



Nota: Correio Braziliense, 2021

Figura 3 e 4.

Twitter das prefeituras de Salvador e Fortaleza em protesto, em forma de humor, a capa



Nota: Twitter, 2021.

Figura 5.

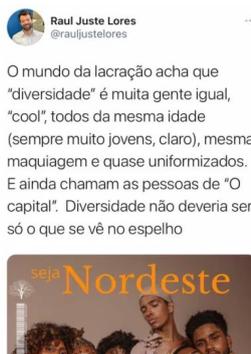
Releitura da capa da Revista Veja, produzida pela marca de vestuário de Salvador Dendezeiro



Nota: Salvador Dendezeiro, 2021.

Figura 6.

Resposta do editor-chefe da Veja São Paulo, Raul Juste Loes, a reinterpretação apresentada na figura 4



Nota: Twitter, 2021.

Silenciado

O silenciado só acontece em razão do não-dito, isso quer dizer que ele só existe a partir da captação do interdiscurso. Como apresenta Tfouni (2008, p.357), “sempre que algo é enunciado, algo também é silenciado, na medida em que não é possível a nenhum sujeito enunciar dois ou mais enunciados ao mesmo tempo”. Com isso, para que algo seja dito, algo tem que ser silenciado, como salienta Tfouni:

Percebemos que o silêncio, como real, não pode se atualizar como um todo: tem que sobrar algo não atravessado pela linguagem (um resto). E, para haver dizer, é preciso que não se diga tudo, é preciso o interdito. O silêncio é o espaço do múltiplo, é a condição de vir-a-ser do discurso, onde o real (as coisas) "está lá" mas não se pode falar dele (TFOUNI, 2008, p. 361)

Assim, é possível enxergar no objeto analisado, os seguintes silenciamentos:

- Representação de um Nordeste branco;
- A Xenofobia contra os migrantes nordestinos;
- Centralização econômica na região sudeste;
- Representação de uma classe dominante;
- O alto índice de nordestinos que migram para o sudeste, fazendo investimento nessa região, no lugar de investir em sua terra natal.

Formação ideológica

Como apresentado anteriormente, a ideologia é vista como conjunto de princípios e ideias, que um sujeito adquire e expressa em seu discurso. É aquele que dá sustentação ao dizer, que produz sentido, é “a partir de pressupostos estabelecidos por essa mesma ideologia e o discurso como manifestação dessa ideologia” (Junior, 2014, p. 53).

Na formação ideológica, observa-se a representação das práticas sociais, ela emerge do centro das classes e coloca um posicionamento no discurso apresentado pelo sujeito, fazendo referência às posições de classe em conflito. No caso dessa edição da Veja São Paulo, a ideologia dá sustentação ao discurso xenofóbico de uma classe, seja de forma consciente ou inconsciente.

Sujeito

O sujeito é o resultado da relação entre a linguagem e a história, ele é constituído na relação com o outro, é “sempre um sujeito de seu tempo e de sua sociabilidade. Esse sujeito será construído através das práticas sociais e da ideologia, que darão as bases do complexo psíquico do indivíduo” (Florêncio 2009, p. 4). E com apresenta Pêcheux (1995), essa ideologia é que fornecerá a todo sujeito, na sua individualidade, uma realidade a ser experimentada.

O sujeito do discurso se revela pertencente à classe média/alta da Região Sudeste, com o olhar voltado para o setor empresarial, que esquece os demais nordestinos que construíram a capital paulista no século XX, no trabalho braçal, olhando apenas para os novos migrantes, que fazem parte da nova classe média/alta paulista.

Conclusão

Neste trabalho, nos propomos a analisar o discurso apresentado na Capa da Revista Veja São Paulo da Edição 2722, de 27 de janeiro de 2021. Nesta edição, a revista trouxe como tema central, os novos migrantes nordestinos. Essa capa foi divulgada em alusão ao aniversário da capital paulista, para mostrar a influência dos novos migrantes nordestinos no cotidiano paulistano.

Para atingir o objetivo proposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica pautada nos pressupostos teóricos e metodológicos da AD de linha francesa, cujo precursor foi Pêcheux (1995). Diante disso, entendemos este trabalho como relevante, pois possibilita a aplicação dos elementos da teoria da AD, defendidos por Pêcheux e outros estudiosos, a um discurso que reflete o contexto social brasileiro, no tratamento das diferenças culturais dos povos da região Nordeste e Sudeste do país.

A partir da análise, constatamos que o discurso apresentado na capa da Edição 2722, de 27/01/2021, da Revista Veja São Paulo, é procedente de uma formação ideológica e de uma formação discursiva elitista, de segregação, e de forte apelo xenofóbico, que demonstra desconsideração para com a geopolítica e com a cultura nordestina, principalmente, com as classes sociais mais desfavorecidas economicamente.

Com isso, acreditamos que este trabalho conseguiu alcançar o seu objetivo principal, por meio de uma análise que identificou a manifestação dos diversos elementos da AD, no *corpus* escolhido, para compreendermos como o discurso reflete as ideologias dos sujeitos, por meio de suas manifestações languageiras.

Por fim, recomendamos a leitura deste trabalho para as pessoas que se interessam pela teoria de Análise do Discurso, mostrando que os discursos são objetos de materialidade histórica, em que um sujeito transpassa as suas formações ideológicas de forma consciente, mas também, inconsciente.

REFERÊNCIAS

- Associação Caatinga. <https://ww.acaatinga.org.br/sobre-a-caatinga>.
- Barbosa, R. G. (2008). A atribuição de sentidos e o fazer significativo em crônicas de Rubem Alves: formações discursivas, interdiscurso e polifonia. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11454/1/Ros%C3%A2ngela%20G%C3%B3is%20Barbosa.pdf>
- Brasil, L. L. (2011). Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Ling. Est. e Pesq.* 15(1). pp. 171-182. <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>
- Cunha, F. P. (2016). Dito e o não dito: uma análise dos discursos que defendem o Acordo Ortográfico de 1990. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/156946?show=full>
- Melo, I. F. (2009). Análise do discurso e a análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. *Letra Magna*. (5). https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. (2008-2021). <https://dicionario.priberam.org/ideo>.
- Florêncio, A. M. G., Magalhães, B., Sobrinho, H. F. da S., Cavalcante, M. do S. A. de O. (2009). *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. EdUfal.
- Junior, J. L. C. (2014). As múltiplas matrizes discursivas da obra Os Sertões de Euclides da Cunha. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório UFMG. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-9VNNH2/1/as_mltiplas_matrizes_discursivas_da_obra_os_sertoes_de_euclides_da_cunha_jussaty_luciano_cordeir.pdf
- Lins, N. F. (2013). Os Ditos e não ditos nas capas da Isto É e Veja. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. (17). ISSN 1807-5193.
- Löwy, M. (2003). *Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista*. 16ª ed. Cortez.
- Orlandi, E. P. (2012). *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Pontes.
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Edunicamp.
- Peres, E. R. (2014). Uma análise sobre o discurso da Revista Veja em relação às manifestações de junho de 2013. [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas]. <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Uma-An%C3%A1lise-Sobre-o-Discurso-da-Revista-Veja-em-Rela%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0s-Manifesta%C3%A7%C3%B5es-de-Junho-de-2013-Eveline-Rosa-Peres.pdf>
- Silva, O. S. F. (2008). Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *R. Faced*, (14), pp. 39-53.
- Silva, R. (2009). Linguagem e ideologia: embates teóricos. *Linguagem em (Dis)curso*. 9(1), pp. 157-180. <https://www.scielo.br/j/ld/a/4f7VHdXQGSDshCgbkRK53JF/abstract/?lang=pt#ModalArticles>
- Sousa, P. de. (2011). *Análise do Discurso*. LLV/CCE/UFSC.
- Tfouni, F. E. V. (2008). O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*. 8(2), pp. 353-371.

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/393